

PARTICULARIDADES NA ESCRITA DA CRIANÇA SURDA

Alessandra Figueiredo Kraus PASSOS¹

Antonio Carlos Santana de SOUZA²

Wellington Pedrosa QUINTINO³

Resumo: *O presente artigo propõe uma análise de textos escritos por crianças surdas, em fase de aprendizagem da escrita da língua portuguesa. Para realização de análises das produções textuais, escritos por essas crianças, foram realizadas duas coletas de escrita de produções textuais apresentadas em Libras. Os resultados apontaram para a constatação de que, a criança surda que não tem o contato com sua língua natural (Libras) desde o seu nascimento, apresenta dificuldades no processo de aprendizagem de uma segunda língua e por consequência: a escrita da mesma. Logo, essa aquisição implicará em características particulares manifestadas na escrita de crianças surdas. Os seguintes critérios: espaçamento entre as palavras, ausência de artigos, pronomes, conjunções e as combinações de diferentes letras (vogais e consoantes), tornam a escrita do surdo, em processo de aquisição, um diferencial exclusivo da escrita dessas pessoas.*

Palavras-chave: *Língua Brasileira de Sinais, Surdez, Aquisição da escrita.*

Abstract: *This article proposes an analysis of texts written by deaf children, at the stage of learning the Portuguese language writing. To carry out analyses of the textual productions, written by these children, two written collections of texts in Libras. The results pointed to the fact that the deaf child who has no contact with his/her natural language (Libras) since his/her birth, presents difficulties in the process of acquiring a second language and in consequence, the writing of that language. Than this acquisition will involve in particular requirements expressed in the writing of deaf children. The following criteria: spacing between words, absence of articles, pronouns, conjunctions and combinations of different letters (vowels and consonants), make the writing of the deaf, in process of acquisition, a unique differential of writing of these people.*

Keywords: *Brazilian sign language, Deafness, Acquisition of writing*

Recebido em 20-01-2018

Aceito em 29-04-2018

¹ Bolsista de Estágio Pós Doutoral UFMT - CAPES/PNPD. Pós-Doutor em Linguística pela UNEMAT. Doutor em Letras pela UFRGS (2015). Mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2000). Pesquisador do GELA do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP e do Alma Linguae: Variação e Contatos de Línguas Minoritárias do Instituto de Letras da UFRGS. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente do Programa de Pós-graduação (Mestrado Acadêmico em Letras e PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguístico, Dialetoológicos e Discursivos do CNPq (NUPESDD-UEMS) e do Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo do CNPq (LALIMU). E-mail: acsantan@hotmail.com

² Mestre e Doutoranda em Linguística PPGL - UNEMAT (Cáceres). E-mail: andale_passos@hotmail.com

³ Docente do PPGL UNEMAT (Cáceres). E-mail: xav@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, realizamos uma análise da escrita de quatro textos infantis produzidos por crianças surdas. Com o objetivo de compreender, na produção gráfica dessas crianças, em processo de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da escrita da língua portuguesa, os sinais particulares presentes na escrita inicial dessas crianças, procurando mostrar quais são as marcas deixadas, no momento de suas produções textuais. Os critérios a serem observados são: o espaçamento entre as palavras; ausência de artigos, preposições e conjunções.

Segundo Sabinson (2006), as intervenções realizadas por uma “criança”, na produção de um texto, iniciam bem antes de compreender o princípio alfabético da escrita. Isso fica evidente quando encontramos sinais de tentativas de correção, pois no momento em que o aprendiz está pensando no que vai escrever, ele deixa marcas tentando escrever de acordo com a estrutura da língua que está aprendendo, a partir do seu conhecimento de mundo. Porém, isso não é, na maioria das vezes, percebido pelo adulto letrado.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de ensino fundamental, modalidade Ciclo de Formação Humana. A referida escola está situada na cidade de Cáceres, Estado de Mato Grosso e tem sua manutenção assegurada pelo Estado. Fundada em 2000, reflete em sua história, no que se refere à educação para crianças surdas, o efeito da tendência filosófica (Bilíngue) que direciona, atualmente, a educação dos alunos surdos.

A escola conta ainda com um trabalho sistematizado de ensino da língua portuguesa escrita, tanto em sala de aula, no horário regular, como também na sala de recurso multifuncional, em horário oposto. Assim, a escrita é intencionalmente empregada na construção de textos e atividades coletivas acerca de assuntos estudados em sala de aula; gravuras nas paredes são nomeadas em língua portuguesa e na Libras; a sala de recursos conta com uma notável estrutura de materiais didáticos,

para essa modalidade de ensino e, ainda, nessa sala é realizada a leitura de textos infantis na Libras e em momentos organizados para contar histórias.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como propósito investigar o processo de aquisição de escrita da criança surda, em fase inicial de aprendizagem. O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado por meio de apoios bibliográficos de autores nacionais, dissertações de mestrado e teses de doutorado, que abordam temas que nos ajudaram a compreender melhor o processo de aquisição da escrita da criança surda, para então, preparar a base teórica e desenvolver a análise dos textos.

Para realizar a análise de textos escritos por crianças surdas, foram realizadas duas coletas de tentativas da escrita de textos apresentados em Libras, na escola: campo de pesquisa. A primeira coleta ocorreu no mês de outubro de 2013 e a segunda no mês de novembro do mesmo ano.

Antes de iniciar efetivamente a coleta dos dados que constituem o nosso *corpus*, foi realizada uma visita ao setor de coordenação da escola: campo de pesquisa. O propósito de tal visita foi o de estabelecer relações entre diferentes informações sobre o sistema de ensino para crianças surdas e pedir a autorização para acompanhar algumas aulas com esses alunos. Nessa visita foi possível conhecer a instrutora, uma das responsáveis pelas aulas na sala de recurso e também uma professora responsável pela sala regular de um dos alunos participantes da pesquisa.

PARTICIPANTES DA PESQUISA

As informações sobre os “participantes” foram reunidas e organizadas para permitir o conhecimento dos mesmos e, conseqüentemente a compreensão sobre os dados apresentados e analisados na seqüência.

O primeiro aluno trata-se de uma criança surda do sexo masculino, com a idade de oito

anos e três meses. Ingressou na escola (campo de pesquisa) no ano de 2012, no primeiro ano, outrora havia estudado o período pré-escolar em uma escola particular para alunos ouvintes, atualmente está no segundo ano letivo. Filho de pais e irmãos ouvintes, seu contato com a Libras ocorreu após o ingresso nessa escola. A criança possui surdez congênita bilateral⁴ de tipo sensorio-neural com grau profundo⁵, percebida nos primeiros meses de vida. Essa criança será representada como aluno A.

Já o segundo aluno trata-se de uma criança surda do sexo feminino, com a idade de dez anos e seis meses até a data da coleta. Seu período pré-escolar foi realizado em uma “escola” que não utilizava o método de ensino Bilíngue, para alunos surdos. Frequenta a “escola pesquisada” desde 2010. Assim, completou, até o momento da primeira coleta de dados, quatro anos letivos de frequência a essa “escola”, portanto quatro anos de contato com a Libras. Seus familiares são ouvintes e usuários da língua oral. Sua surdez é congênita bilateral e de grau severo/profundo⁶, porém sua surdez só foi percebida, pelos pais, aos três anos de idade. Essa criança será representada, em nosso trabalho, como aluna B.

ANÁLISE DOS TEXTOS

Os textos que servirão de base para esta análise foram produzidos por dois alunos do ensino fundamental: sendo o aluno A, estudante do segundo ano e a aluna B estudante do quarto ano, do ensino fundamental, ambos no período vespertino de uma escola estadual, que atende em sua maioria alunos ouvintes. Antes de iniciar a análise, é importante conhecer o contexto que determinou a produção dos textos.

Como já foi mencionado no tópico 2, para coleta de dados foram feitos dois dias de acompanhamento, nas aulas para esses alunos, lecionadas pela instrutora surda, na

sala multifuncional. Normalmente, as aulas ocorrem duas vezes na semana, em período oposto ao horário de aula regular desses alunos.

Na primeira coleta de dados, somente o aluno A compareceu à aula. Nesse dia, não foi desenvolvido trabalho com a escrita e sim, atividades com sinalização de figuras em Libras legendadas⁷ em português.

Na segunda coleta, explicamos à instrutora o pouco tempo que tínhamos para coletar e analisar os textos e, que se, em decorrência desse fato, seria possível desenvolver uma atividade escrita para que pudessemos coletar e analisar. A instrutora compreendeu e com carinho atendeu ao nosso pedido. Nesse dia, os dois alunos compareceram.

Em consequência do nosso pedido, a instrutora explicou para os alunos que eles estariam realizando duas escritas livres, cada um, a partir da figura colada por ela, em seus cadernos. Eles poderiam escrever o que quisessem sobre o desenho apresentado. A figura escolhida pela instrutora foi a imagem de um menino e de uma menina.

No primeiro momento, percebemos as dificuldades dos alunos sobre o que iriam falar daquelas imagens. Várias vezes procuraram a instrutora e pediram sugestões. Por não ter o hábito de interferir na escrita dos alunos, a instrutora sinalizava seus exemplos e recomendava que eles dessem os seus. Quando percebeu que eles não estavam conseguindo, ela sugeriu que respondessem as perguntas: “O que é menino?”; “O que é menina?”.

Mesmo recebendo essa instrução complementar, percebemos que as dificuldades desses alunos não eram sobre o que iriam sinalizar e, sim como iriam escrever suas ideias. Sentiam-se muito inseguros.

O aluno A, mesmo com um pouco de vergonha, disfarçadamente, perguntava para instrutora como era a escrita de algumas palavras que ele mesmo sinalizava para ela.

⁴ Congênita bilateral é a perda auditiva, nos dois ouvidos, adquirida antes do nascimento.

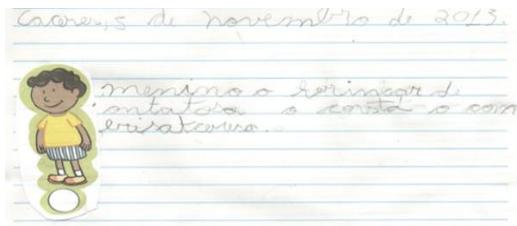
⁵ Sensorio neural com grau profundo é o resultado da falta ou dano de células sensoriais (células ciliadas) na cóclea.

⁶ Severo/profundo é a ausência de ouvir sons abaixo de cerca de 80 decibéis.

⁷ Tradução/explicação de uma imagem.

Então, vendo a dificuldade do menino, ela pedia para que ele não tivesse vergonha de escrever, carinhosamente soletrava manualmente as letras da palavra solicitada. No momento da elaboração de sua ideia, notamos que o aluno A, observava as imagens coladas nas paredes, objetos da sala e as escritas de algumas figuras. Vejamos na escrita de seus textos suas particularidades e marcas.

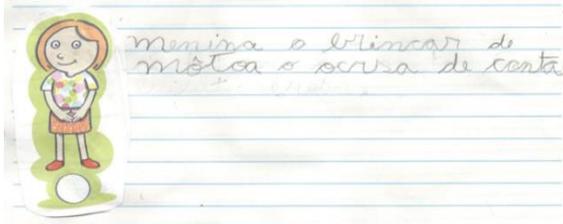
Figura 1 – Texto 1



Fonte: arquivo dos pesquisadores

Caceres, 5 de novembro de 2013.
 Menino o brincar de
 ontatosa o corsta o com
 erisatceresa (transcrição dos
 pesquisadores)

Figura 2 – Texto 2



Fonte: arquivo dos pesquisadores

Menina o brincar de
 Môtoa o ocrsa de conta (transcrição dos
 pesquisadores)

Ao analisarmos o primeiro texto do aluno A, foi possível observar sua primeira marca, identificar a data e o nome da cidade e isso não aconteceu no segundo texto. É provável que o aluno tenha compreendido que essa identificação serviria para os dois textos, visto serem escritos sequencialmente, na mesma folha. Essa identificação se deve ao hábito que a professora titular tem de fazer antes de iniciar a escrita no quadro. O aluno A, conseguiu gravar a estrutura

gramatical dessa frase e perceber o sentido da mesma.

Nas estruturas dos textos, os critérios que mais nos chamaram a atenção foram o espaçamento entre as palavras, que segundo Pereira e Rocco (2009) é uma particularidade comum na escrita de crianças surdas, pois elas se apoiam na visão da modalidade escrita da língua portuguesa, para escrever. Diferentes das crianças ouvintes que tomam como referência a oralidade.

As marcas de refação, no texto 1 do aluno em questão, à primeira vista, denotam uma “autocorreção”, como uma reestruturação, no caso das palavras *menino* e *brincar*, em que, num primeiro momento, ele escreveu *menesa e ntonho*, e depois de ter pedido para a instrutora verificar se estava certo, apagou-as e as reescreveu de acordo com a soletração datilológica que a instrutora realizava, corrigindo a ortografia.

Quando percebemos que a instrutora estava auxiliando na escrita do aluno, explicamos para ela que não teria problemas se ele escrevesse “errado”, pois só assim conseguiríamos analisar sua real capacidade de escrita. Ela compreendeu e pediu para o aluno não se preocupar com a ortografia, que poderia escrever livremente sem medo de errar. A partir de então, notamos que o aluno se soltou e pôs-se a escrever com entusiasmo admirável. Ao terminar a escrita dos dois textos, pediu para a instrutora lê-los.

Para compreender o que a criança queria dizer nos textos, a interlocutora/instrutora mostrava a escrita no texto e pedia para o aluno sinalizá-la, pois dessa forma ela entenderia o que ele queria escrever. Com um caderno à parte, a instrutora escrevia separadamente a tentativa de escrita de palavras realizada pelo aluno e na frente de cada uma, anotava de acordo com a sinalização do aluno, a ortografia correta da escrita dessas escritas.

O modo como a instrutora organizou, em seu caderno, a reescrita do texto, também nos chamou a atenção. Não seguiu de acordo com a estrutura gramatical da língua portuguesa. Fica evidente o que Strobel e Fernandes (1998, p. 15) disseram sobre o estudo da Língua de Sinais.

A LIBRAS não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 15)

De acordo com as autoras, na estruturação da Libras não são usados os conectivos: conjunções; artigos; preposições, visto que os mesmos produzem sentido junto ao sinal.

A instrutora, embora tenha concluído o ensino médio, parece compartilhar algumas das mesmas particularidades, na escrita, que os demais surdos. Todavia, isso não impede a compreensão da escrita, dessas pessoas. Vejamos como ficou organizada a escrita dos dois textos, do aluno Davi, pela instrutora.

Texto 1: O que é menino?

Menesa = menino

Ntonho = brincar

Ontatosa = bola

Corsta = menina

Erisatceresa = amigos

Menino brincar bola menina amigos

Texto 2: O que é menina?

Menina = menina

Brincar = brincar

Môtoa = Conversar

Ocrsa = Mônica

Conta = cabelo liso

Menina brincar conversar Mônica cabelo liso

Nas duas produções escritas pelo aluno A, reescritas pela instrutora, é possível observar que os artigos e as preposições não foram usados na escrita, provavelmente esteja se apoiando na estrutura gramatical da Libras. Também é possível observar que na tentativa da escrita de: *menesa*, *ntonho*, *ontatosa*, *corsta*, *erisatceresa*, *môtoa*, *ocrsa*, não produzem nenhum sentido, a combinação de diferentes letras, consoantes e vogais, na construção de uma palavra. Ainda que não tenha atribuído sentido segundo a estrutura gramatical da língua

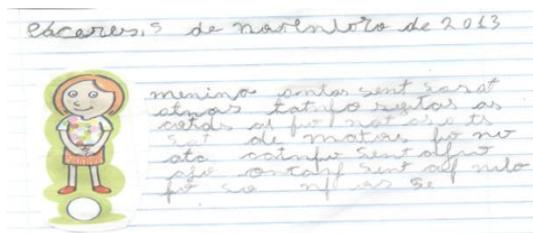
portuguesa, elas revelam o uso de mais uma estratégia, a de que, para escrever, se usam letras e não números. Outro aspecto interessante, que percebemos, foi no momento em que o aluno, ao pedir ajuda na escrita de algumas palavras que ele sinalizava para a instrutora, sabia exatamente qual era aquela letra na escrita da língua portuguesa.

Na observação realizada na escrita da aluna B, foi possível perceber que ela estava bastante tímida e não tinha coragem de pedir ajuda na escrita. Disfarçadamente, copiava palavras aleatórias, observadas por ela mesma, de um livro próximo. Quando a instrutora percebeu, pediu a ela que apagasse e explicou que isso não era certo, que não poderia copiar do livro, era preciso que escrevesse com suas próprias palavras, sem se preocupar com os erros ortográficos.

A aluna B atendeu a instrutora, porém demonstrou estar bastante constrangida. Iniciou sua escrita de uma forma rápida, a ponto da interlocutora ter que interferir e pedir para que parasse, dizendo que estava bom, não precisaria escrever muito. Ao terminar a escrita dos dois textos, a instrutora pediu para aluna se poderia lê-los. A aluna timidamente balançou a cabeça em sinal de confirmação.

No momento da leitura dos dois textos da aluna B, a instrutora interlocutora percebeu que somente as palavras *menina* e *menino* estavam grafadas no modo convencional da escrita da língua portuguesa, pois a identificação da data e da cidade, ela já sabia que a aluna havia copiado da escrita do aluno A. Para compreender a ideia da aluna B, na escrita do texto, a instrutora se utilizou do mesmo método que havia usado com o aluno A, mostrava a escrita e pedia para a aluna dizer o que significava, porém a resposta não foi a esperada, a aluna não sabia o que havia escrito. Vejamos a escrita dos textos pertencentes à aluna.

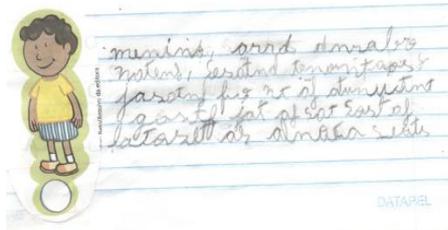
Figura 3 – Texto 1



Fonte: arquivo dos pesquisadores

Cáceres, 5 de novembro de 2013
 Menina antos sent sosat
 atnos tatnfo sytas **as**
 cotds ae fio nat **as** a ts
 sat de matos fio **no**
 ata catnfo sent ajno
 ajo ontanf sunt af Nilo
 fio so nf **os** se (transcrição dos pesquisadores)

Figura 4 – Texto 2



Fonte: arquivo dos pesquisadores

Menino, arrds dnabro
 Natens, sesatnd tenonvtaos
 Jasatnf fio nt ãf atunuctnt
 Gasth jat af sat sost af
 Latoset **as** alnota seuts (transcrição dos pesquisadores)

Para Smolka (2012) a escrita analisada não deve ser considerada como “erro”. Mas, como suposições, construções que a criança faz da língua. Segunda a autora, de forma geral, as escolas não têm considerado a alfabetização como um processo discursivo. Pelo contrário, limita/restringe a escrita da criança, não levam em consideração como um processo discursivo ou construção de conhecimento.

Embora a aluna não tivesse conseguido compreender sua “escrita”, foi possível perceber, que ela possui o conhecimento de que texto não se escreve com números e sim, com letras. Prova disso, são as palavras que não tem nenhum sentido segundo as normas gramaticais da língua portuguesa e possuem,

na maior parte, de sua composição, combinação de diferentes letras, consoantes e vogais. Todavia, nas palavras *no*, *as* e *os* percebemos que embora a aluna não conseguisse explicar o que escreveu conseguiu incorporar a escrita dessas palavras, de acordo com a estrutura gramatical da língua portuguesa.

Na escrita da aluna é bem visível o uso da estrutura gramatical da Libras. Há a “presença” do espaçamento entre as palavras e não apresenta nenhum sinal da “presença” de preposições, artigos ou conjunções.

A sugestão do tema oferecido pela instrutora e suas explicações sobre o assunto foi fundamental para a construção textual desses alunos. Eles tiveram a oportunidade de, a partir do que foi sugerido, manifestar de forma escrita a compreensão do que já tinha visto/aprendido sobre o tema escolhido. Por isso que, para compreender-se e compreender o seu contexto social, é necessário estabelecer relações/interações. O processo de alfabetização significativo deve levar em conta a funcionalidade que o texto possui no cotidiano das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar quatro textos de duas crianças surdas, foi possível perceber as dificuldades que tiveram em escrevê-los. Ambas, além de estarem aprendendo a escrita de uma segunda língua, estão também aprendendo a Libras.

No entanto, essas dificuldades não nos impediram de perceber, em suas escritas, as particularidades que são encontradas na escrita dos surdos. O espaçamento entre as palavras, a não utilização de artigos e pronomes e as combinações de diferentes letras (vogais e consoantes) tornam a escrita do surdo, em processo de aquisição, um diferencial exclusivo da escrita dessas pessoas, pois apresentam características da Libras.

Além dessas abordagens, foram trabalhados outros aspectos relacionados a essa temática. Interesse esse que surgiu das pesquisas feitas para a realização desse trabalho. São poucas as pesquisas relacionadas à aquisição da escrita que

exploram esse processo na escrita da criança surda.

Esperamos ter conseguido mostrar por meio dessa pesquisa que é possível compreender os “erros”, na escrita, de uma criança surda em fase de aquisição da escrita, sem ter que discriminá-la e, sim possibilitar a ela a construção de conhecimentos. Claro que para isso, é importante ressaltar que o método de ensino e a capacitação dos profissionais devam ser específicos para essas crianças.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel Salek; SABINSON, Maria Laura T. Mayrink. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.** Campinas: Mercado das Letras, 2006.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Gramática de LIBRAS.** Disponível em: <encurtador.net/kprQ5>. Acesso em: 02 out. 2013.

BROCHADO, Sônia Maria Dechant. **A Apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira.** 2003. 439 p. Tese (Doutorado) Universidade estadual Paulista, Faculdade de ciências e Letras de Assis, São Paulo, 2003.

DIAZ, Cora Maria Fortes de Oliveira Beleño. **Surdez, letramento, inclusão e políticas públicas: uma reflexão para as práticas pedagógicas.** 2011. 118 p. Dissertação (Mestrado) Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy, Duque de Caxias, 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. **O processo de aprendizagem da escrita do português por surdos: singularidades e estratégias facilitadoras.** Revista Digital Inventário, Bahia, 8. ed. s.d.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **Os movimentos enunciativos da criança na linguagem.** Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 77-94. 2. parte 2011.

SILVA, Fábio Irineu da; REIS, Flaviane; et al. **Aprendendo língua brasileira de sinais como segunda língua.** Santa Catarina: NEPES, 2007.

SILVA, Nilce Maria da. **Instrumento linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação.** 2012, 272 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, Tânia dos Santos Alvarez. **A aquisição da escrita pela criança surda desde a educação.** Curitiba: UFP, 2008. 227 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Cortez, 2012.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da LIBRAS.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

OLIVEIRA, Luciana Aparecida de. **A constituição da linguagem escrita do aluno surdo, na escola regular, à luz da perspectiva sócio-histórica.** UFJF, S/D.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Leitura, Escrita e Surdez.** 2. ed. São Paulo: FDE, 2009.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ROCCO, Giovanna Cosme. Aquisição da escrita por crianças surdas – início do processo. **Letrônica**, São Paulo, v.2, n. 1, p. 138-149, 2009.